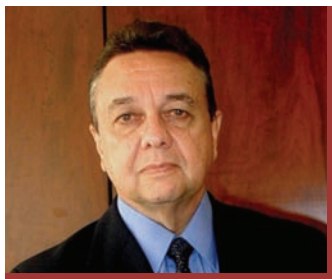


## Diário de bordo

## Gente para a agroenergia



Roberto Rodrigues\*

**T**ENHO INSISTIDO na tese de que a agroenergia representa uma importante mudança na geoeconomia agrícola mundial – em função das necessidades crescentes de oferta de alimentos e de biocombustíveis – bem como da geopolítica, uma vez que os países tropicais da América Latina, da Ásia e da África, mais pobres, serão chamados a produzir essa importante fonte energética.

Mas, para que isso se consolide, é imperioso construir um mercado mundial para biocombustíveis, o que ainda não existe, não obstante o enorme potencial reconhecido.

E, para criar o mercado, há três questões centrais a desenvolver:

- mais países produzindo, porque nenhum país importante trocará a dependência do petróleo de algum país membro da Opep pela de um único grande exportador de etanol, no caso o Brasil.
- legislação nos países consumidores que determine a mistura compulsória do etanol à gasolina, como o Brasil fez com o álcool em 1975 e, agora, com o biodiesel.
- “comoditizar” o produto, a partir de claros parâmetros internacionalmente aceitos e, eventualmente, até com certificação.

O Brasil vem trabalhando os três temas, seja por meio do acordo feito com

os Estados Unidos, seja por meio de alianças com outros produtores/consumidores, de modo que é viável termos um mercado expandindo-se ao longo dos próximos cinco anos. Teremos, então, uma grande oportunidade de gerar mais empregos e renda.

Aí será necessário definirmos nossa própria estratégia, que incorpora desde o estabelecimento de metas de produção para o mercado interno e externo, até sistemas de produção, zoneamento, financiamento, estocagem, logística etc. E, nessa hora, dois temas são igualmente fundamentais:

- investimentos em tecnologia
- formação de recursos humanos

Para o primeiro caso, o trabalho em andamento é a criação de EPE - Empresa de Propósito Específico, autorizada pela Lei de Inovação Tecnológica, que permite ao setor privado associar-se a empresas públicas de pesquisa, como Embrapa, IAC, universidades etc.

E, para o segundo caso, há uma grande e auspiciosa novidade: a Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Esalq-USP, e a Embrapa, juntaram-se para organizar o primeiro mestrado do mundo em agroenergia, que entrará em funcionamento já no primeiro semestre do ano que vem. Trata-se de um grande acontecimento, seja pela parceria das três instituições de excelência em suas respectivas áreas – gestão, agronomia e tecnologia – seja pelo ineditismo da matéria em si.

Afinal, sem gente treinada, capacitada e motivada, ninguém irá a lugar nenhum, nem mesmo movido a etanol. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

## Reforma anacrônica



Cesário Ramalho da Silva\*

**É** PRECISO pôr uma pedra em cima da reforma agrária de caráter distributivista de terras. Apesar dos recursos públicos gastos em assentamentos, faltam à sociedade brasileira estatísticas de suas produções e dados que evidenciem o avanço socioeconômico das pessoas beneficiadas por esses programas. O orçamento do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) saltou de R\$ 950 milhões em 2003 para R\$ 3,5 bilhões em 2006.

De acordo com a entrevista do presidente do instituto, Rolf Hackbart, ao jornal *Gazeta Mercantil*, de 1º de outubro de 2007, os projetos de assentamento abrangem 72 milhões de hectares, superiores, por exemplo:

- Ao território de dois dos principais estados produtores e geradores de divisas a partir da atividade rural: São Paulo (22 milhões de hectares) e Paraná (15,5 milhões de hectares);
- À área cultivada com grãos em todo o País, que na temporada atual chegou a 46,2 milhões de hectares, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento.

Hackbart disse que o maior desafio do governo já não é mais dar terras, mas infra-estrutura aos cerca de 7,7 mil assentamentos existentes no País. Um reconhecimento da falta de sentido de distribuir mais terras, em vez de assistir os assentamentos existentes.